

Trajectoria dos movimentos corporais numa instituição psiquiátrica: o início de uma caminhada Sociopoética

Trajectories of body movements in a psychiatric institution: beginning of a Sociopoetic journey

Trayectoria de los movimientos corporales en una institución psiquiátrica: los comienzos de una jornada Sociopoética

Andréa Damiana da Silva Elias¹, Cláudia Mara de Melo Tavares², Augusto Luis Medeiros Amaral³

Como citar esse artigo. Elias ADS, Tavares CMM, Amaral ALM. Batman: Trajetória dos movimentos corporais numa instituição psiquiátrica: o início de uma caminhada Sociopoética. Revista de Saúde. 2017 Jul./Dez.; 08 (2): 85-90.

Resumo

Esse artigo tem como objetivo anunciar, pelo estado da arte, o objeto de uma pesquisa de doutorado da Universidade Federal Fluminense (UFF) que trata do movimento corporal dos enfermeiros que transitam numa instituição psiquiátrica, cujo objetivo geral é potencializar por meio da produção de dados sociopoética estratégias criativas de cuidado dos enfermeiros a sujeitos em sofrimento psíquico durante a internação psiquiátrica. E, como objetivos específicos, tecer um mapa do movimento corporal dos enfermeiros nas ocasiões de cuidado, analisar as situações relacionais dos enfermeiros determinadas pelo movimento corporal na direção do cuidado no âmbito da internação psiquiátrica e; propor a supervisão Sociopoética enquanto dispositivo de reflexão sobre cuidado na instituição psiquiátrica. Estudo de campo com abordagem Sociopoética, a ser realizado num hospital psiquiátrico universitário do município do Rio de Janeiro. Os participantes serão doze enfermeiros lotados nas enfermarias feminina e masculina do cenário proposto. Os aspectos éticos serão respeitados conforme a resolução nº 466/2012. A discussão fundamentada nos atravessamentos que podem ser promovidos pelo movimento. As práticas corporais como recursos terapêuticos enriquecedores do processo de cuidado em saúde mental, uma vez que propiciam um olhar para o sujeito em sua integralidade, e possibilitam aos profissionais da saúde um entendimento sobre o corpo como um local de linguagem e expressão, fundamental para a construção de um projeto de cuidado em saúde mental, humanizado e holístico.¹² Conclui-se que a problematização do objeto de estudo, além de ampliar a trajetória da própria pesquisa, pode contribuir para novas estudos no campo da saúde mental.

Palavras-chave: Movimento corporal; Saúde Mental; Enfermagem Psiquiátrica.

Abstract

This article has a purpose to announce, through the state of art, the object of a research for a doctorate degree of the Universidade Federal Fluminense (UFF) about body movements from nurses transiting in a psychiatric institution, whose overall objective is empowering through data production creative social poetic strategic issues for health care to the nurses who attend subjects under psychiatric suffering during the psychiatric hospitalization. And as specific goals knitting a nurses bodies movement map in health care moments, analyzing relational situations from nurses determinate by bodies movements on health care in the field of psychiatric hospitalization; and to propose a Sociopoetic supervision as a device reflection about health care in psychiatric institution. Sociopoetic approach for the field study will be carried out in a university psychiatric hospital in the city of Rio de Janeiro. The participants are twelve nurses working in female and male infirmaries on the proposed scenario. Ethical issues will be respected in accordance with nº 466/2012 resolution. The discussion based on crossings that can be promoted by movements. The body practices as enriching therapeutics sources in health mental care at once promote a glance to the subject in his entirety, and allows to health professionals take a new comprehension about the body as a way of language and expression, fundamental for constructing a mental health care project, humanized and holistic.¹² To conclude, the subject of study problematization, apart from expanding the own investigation trajectory, can contribute to new studies in the field of mental health.

Keywords: Body Movement; Mental Health; Psychiatric Nursing.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo anunciar, a través del estado del arte, el objeto de una investigación de doctorado de la Universidad Federal Fluminense (UFF) que trata del movimiento corporal de los enfermeros que transitan en una institución psiquiátrica, cuyo objetivo general es potencializar por medio de la producción Sociopoética de datos, estrategias creativas de cuidado de los enfermeros hacia sujetos en estado de sufrimiento psíquico durante la internación psiquiátrica. Como objetivos específicos, tejer un mapa del movimiento corporal de los enfermeros en las condiciones de cuidado, analizar las situaciones relacionales de los enfermeros determinadas por el movimiento corporal en dirección hacia el cuidado en el ámbito de la internación psiquiátrica y; proponer la supervisión Sociopoética en cuanto dispositivo de reflexión a cerca del cuidado en la institución psiquiátrica. Estudio de campo con abordaje Sociopoético, a ser realizado en un hospital psiquiátrico universitario del municipio do Rio de Janeiro. Los participantes serán doce enfermeros ubicados en las enfermerías femenina y masculina del escenario propuesto. Serán respetados los aspectos éticos acordes a la resolución nº 466/2012. La discusión fundamentada en los cruces que pueden ser promovidos mediante el movimiento. Las practicas corporales como recursos terapéuticos enriquecedores del proceso de cuidado en la salud mental, una vez propiciadores de una mirada hacia el sujeto en su integralidad, posibilitan además a los profesionales de la salud un entendimiento a cerca del cuerpo como espacio de lenguaje y expresión, fundamental para la construcción de un proyecto de cuidado en salud mental humanizado y holístico.¹² Concluyese que la problematización del objeto de estudio, a parte de ampliar la trayectoria de la propia investigación, puede contribuir para nuevos estudios en el campo de la salud mental.

Palabras clave: Movimiento Corporal; Salud Mental; Enfermería Psiquiátrica.

Afiliação dos autores: 1. Enfermeira. Mestre em Enfermagem Assistencial. Aluna do Doutorado em Ciências do Cuidado em Saúde da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, Brasil.

2. Enfermeira. Pós-Doutora. Professora Titular e Coordenadora Geral da Pós-graduação da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa/Universidade Federal Fluminense.

3. Cientista Social. Pós-doutorando. Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande-RS, Brasil.

* Rua Doutor Celestino, 74 - Niterói-RJ, Brasil. (21) 984225544; Email: andreadamiana@gmail.com

Recebido em: 23/04/17. Aceito em: 08/11/17.

Introdução

O movimento. Eis a questão nodal de uma pesquisa de doutorado do programa de pós-graduação em Ciências do Cuidado em Saúde da Universidade Federal Fluminense.

Ao inventariar um estudo de saúde mental num cenário marcado por fundamentos epistemológicos da psiquiatria tradicional, o movimento surge como a possibilidade de produzir borrachentos em olhares formatados, de despertar potências adormecidas. À medida que o pesquisador se movimenta, e como ser social depende do outro para que os passos entrem em compasso, o presente artigo anuncia o ensaio de uma pesquisa/dança, dança/pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa é potencializar por meio da produção de dados sociopoética estratégias criativas de cuidado dos enfermeiros a sujeitos em sofrimento psíquico durante a internação psiquiátrica. E os objetivos específicos, tecer um mapa do movimento corporal dos enfermeiros nas ocasiões de cuidado durante a internação psiquiátrica, analisar as situações relacionais dos enfermeiros determinadas pelo movimento corporal na direção do cuidado no âmbito da internação psiquiátrica e propor a supervisão Sociopoética enquanto dispositivo de reflexão sobre cuidado na instituição psiquiátrica.

É já sabido que o hospital psiquiátrico se demonstrou, sempre, ao longo da história, como um dispositivo que contraria qualquer possibilidade de autonomia e responsabilização dos pacientes. Isso dito pela reforma psiquiátrica italiana, e reconhecido contrassenso dos tratamentos que afastam as pessoas da convivência com seus pares pela reforma brasileira.¹

E sim, a pesquisa em voga se dá em um hospital psiquiátrico. Embora o pesquisador corrobore o supracitado, a resistência desses espaços a despeito dos avanços da Reforma Psiquiátrica Brasileira que direciona investimentos ao fechamento dos mesmos e ampliação de serviços substitutivos de base territorial, possibilita a realização desse estudo.

Acrescida do devir de enfermeira de saúde mental, tendo sua práxis orientada por teóricos que valorizam o relacionamento interpessoal² e fatores de cuidado que derivam de uma perspectiva humanista combinada com uma base de conhecimentos científicos³, inserida num cenário psiquiátrico, hospitalocêntrico, composto por alguns atores que, em nome de uma supremacia psiquiátrica sequer reconhecem a saúde mental como saber científico, surge a enfermeira pesquisadora, que deseja aventurar-se pelas múltiplas dualidades desse contexto.

O espaço fechado e a direção de cuidado aberta, o protagonismo do sujeito e o estigma da loucura, o criar e o reproduzir. Esse cotidiano de trabalho evidencia um

movimento, e assim, incita a realização da pesquisa.

Contextualizado o cenário, cabe-nos apresentar a Sociopoética, uma abordagem de pesquisa em ciências do ser humano e da sociedade, enfermagem e educação, criada por Jacques Gauthier em 1993, na convergência de várias abordagens: Pedagogia e Teatro do Oprimido, a pesquisa-ação, a análise institucional e socioanálise, os grupos operativos e a pedagogia simbólica, com possibilidades de aplicação no ensino e na aprendizagem, que segue cinco orientações básicas: a) a instituição do grupo-pesquisador; b) a valorização das culturas dominadas e de resistência; c) a pretensão de pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro; d) privilegiar formas artísticas na produção de dados; e) reafirmar a responsabilidade ética, política do grupo-pesquisador.⁴

O encontro da Sociopoética através do devir da enfermeira/pesquisadora com o cenário do estudo gera um movimento, e esse, recorte de muitos outros propiciados pela pesquisa, tratam do objetivo desse artigo, apresentar os movimentos iniciais de uma pesquisa de doutorado em processo.

Passos provocadores

Como, no dispositivo hospital, que tende a ser marcado por rupturas, ora pela própria clínica do sujeito ora pelo processo de internação em si, enfermeiros propiciem encontros promovedores de saúde, de cuidado, de saúde mental?

A pretensão de investigar o movimento corporal dos enfermeiros na direção do cuidado no âmbito da internação, ainda que, em pleno século XXI, essa guarde relações com o estigma da loucura, que considera uma pessoa estigmatizada não seja completamente humana⁵, é sustentada pela tese de que a potência do cuidado em saúde mental encontra ancoragem no próprio processo de criação dos profissionais.

Enfermeiros criando movimentos de superação ao estigma da loucura por meio de cuidados criativos, eis a motivação do estudo. Anteriormente dissemos da manutenção de alguns hospitais em tempos de Reforma Psiquiátrica, consideramos enfatizar a quantidade de sujeitos atendidos nesses, pois assim, destituindo o que poderia parecer um paradoxo, investir esforços para uma pesquisa no hospital psiquiátrico, o mesmo se faz atual, urgente e necessário, complementado pela consideração da criatividade como um potencial inerente ao homem, e a realização desse uma de suas necessidades.⁶

Materiais e Métodos

O desenho desse estudo Sociopoético propõe experimentações ao instituir o grupo-pesquisador com

doze enfermeiros atuantes nas enfermarias feminina e masculina de um hospital psiquiátrico universitário do município do Rio de Janeiro. A pesquisa sociopoética é facilitada pela experimentação estética porque ela ativa seus princípios junto ao Grupo-pesquisador.⁷

Nela os dados são produzidos coletivamente no grupo-pesquisador, autor coletivo e cooperativo da pesquisa; da valorização das culturas dominadas e de resistência na interpretação e criação dos dados; da mobilização de todas as capacidades cognitivas do ser humano, racionais críticas, míticas, sensíveis, intuitivas, emocionais, imaginárias, gestuais e espirituais; do uso de técnicas artísticas de pesquisa para favorecer essa integração cognitiva; da responsabilidade sociopolítica, ética, cognitiva e espiritual do grupo-pesquisador em todos os momentos da pesquisa.⁴

A partir de um convite para a discussão da temática proposta, o movimento corporal na internação psiquiátrica, e, após negociação sobre o interesse do grupo em pesquisar o tema, o pesquisador agendará as sessões para a produção de dados.

Pretende-se realizar quatro sessões com duração de duas horas no mês de maio de 2017 que explorem o potencial do corpo/movimento. A respeito das técnicas artísticas para tal produção a construção se dará a partir da oferta de múltiplos materiais, para colorir, desenhar, bordar, costurar, enfim, liberar o imaginário para a criação de movimentos possíveis.

Lançando mão de anotações do diário de bordo do pesquisador, um encontro com um bailarino no cenário da pesquisa merece ser retratado, pois determinou a delimitação do objeto de estudo. O bailarino, com ajuda de profissionais de saúde, media uma atividade de dança. Para os profissionais uma atividade de cunho terapêutico, para o bailarino a expressão da vida pelo movimento. Os profissionais preocupados com a interferência do sintoma da doença no coletivo, com as relações possíveis, com as afetações, com o sofrimento psíquico, o bailarino “simplesmente” com o dançar.

Os usuários da oficina, sujeitos em crise, internados, com sintomatologia produtiva como delírios e alucinações, supostamente decisivas para a internação, encontravam o bailarino e dançavam, conversavam, disponibilizavam-se a abraços e movimentos incomuns na enfermaria. A relação do bailarino com os usuários, horizontal, mesmo que atravessada por falas desconexas e comportamentos bizarros, promovia uma organização indescritível por palavras, que sugerimos a necessidade de ser experimentada.

Para tornar-se um facilitador de experimentações estéticas na abordagem sociopoética é preciso conhecer os princípios do Método, mas, sobretudo, vivenciar experiências artísticas, sensíveis e criativas.⁷

O projeto foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal Fluminense com o parecer aprovado segundo protocolo número: 1.852.686,

respeitando a Resolução no 466/2012. Quanto à análise dos dados produzidos, seguirão o disposto por Gauthier⁴: categorização, estudos transversais, estudo filosófico e disseminação ou surrealista.

Resultados

A discussão sustentada pelo movimento

Há muitas maneiras de silenciar as pessoas, além de proibi-las de falar – e todas elas estão sendo usadas hoje. A ciência precisa de pessoas que sejam adaptáveis e inventivas, não rígidos imitadores de padrões comportamentais estabelecidos.⁸

Na incessante busca de reinvenção, apropriamos do termo movimento corporal e do descritor saúde mental para solidificação da temática. No total identificamos sessenta e dois documentos, sendo cinquenta e oito artigos, duas monografias e duas teses. Destes apenas nove guardavam relação com a questão norteadora da busca: como são compreendidos o corpo e o movimento? Dessa totalidade dois foram excluídos por estarem nos idiomas grego e japonês, assim, essa revisão foi composta por sete artigos.

Destaca-se que em sua maioria, seis (6), são escritos de psicólogos, advindos de estudos bibliográficos ou relato de experiências, um (1) de educador físico, com uma pesquisa de campo em escola e serviço substitutivo de saúde mental.

Os artigos perpassaram por aspectos históricos do corpo e pela potência do movimento enquanto determinantes do sujeito. Incitaram a reflexão de apropriação do corpo como instrumento terapêutico, valendo ainda ressaltar que nenhum artigo se deu como fruto de pesquisa em hospital psiquiátrico ou fora desenvolvido por enfermeiros.

Para melhor compreensão da descrição utilizamos a identificação dos artigos de A1 a A7.

O A1⁹, uma investigação sobre as possíveis contribuições da Psicomotricidade como intervenção terapêutica no campo da saúde mental, para além da medicalização, evidenciou o uso do corpo como proposta terapêutica, e concluiu que as práticas clínicas embasadas na Psicomotricidade contribuem para a promoção de bem-estar psíquico daqueles que apresentam um quadro psicopatológico.

Trata de uma análise crítica das práticas em saúde mental, que descreve como reduzidas, em sua maioria, ao enclausuramento e medicalização. Assim, incita a revisão de atitudes e conceitos referentes às propostas de intervenções clínicas utilizadas até então nestes espaços, e considera imprescindível a criação de um espaço nas instituições de saúde mental onde os sujeitos possam elaborar seus conflitos, não apenas através do discurso, mas principalmente pelo uso do corpo, que consegue comunicar mais que a fala, podendo assim se

reorganizar interna e externamente.

Apesar de o artigo iniciar com uma análise das práticas de saúde mental, e tal proposição permear substancialmente a pesquisa, sua escolha é devido a descrição da apropriação do corpo, que se torna o espaço estético das ações terapêuticas. Nele o corpo entra em cena, o movimento pode alterar a experiência subjetiva e, conseqüentemente, o sentido do sofrimento psíquico dos sujeitos.

O A2¹⁰ apresenta o corpo na clínica psicomotora, constituído a partir da existência do outro (o olhar) que entra como peça fundamental para seu desdobramento. Diz que o “corpo fala” uma linguagem própria e que, em alguma ocasião, é desvendado. E, afirma que não nascemos com um corpo constituído, ele mesmo deve constituir-se.

Refere ainda que a clínica psicomotora institui uma diferença das outras práticas e fixa seu olhar não para o método ou para a técnica a ser utilizada, mas para um “sujeito desejante”, ou seja, um “sujeito dividido, escondido, que possibilita diferenciar o corpo real, do imaginário e do simbólico”.

Decerto que seu cunho é psicanalítico, mas faz também um breve histórico dos estudos referentes à psicomotricidade, e apresenta que tiveram seu início com Tissie, em 1894, momento em que fez as conexões entre o movimento e o pensamento. Menciona outros referenciais, Dupré, Wernick, Wallon, Piaget, Ajuriaguerra, Kephart, Frostig, Vygotsky, Luria, Liepmann, Freud, Le Bouch, Lapierre, Aucouturier, todos que avançaram em pesquisas investigativas da motricidade humana e suas relações, para a clínica da psicomotricidade.

Representa uma pesquisa em psicologia centrada não no olhar para um corpo, mas para um sujeito com seu corpo em movimento, conclui propondo que se faça um trabalho com o corpo, não para verificar a motricidade, mas para observar a Psicomotricidade, o que deseja o sujeito, quais as suas queixas, a ajuda na consciência de que o corpo não é um amontoado de carne e osso, mas algo que precisa atingir o simbólico.

Os artigos se complementam à medida que o primeiro aponta para a psicomotricidade e o segundo, ao historicizá-la, reafirma o enunciado no primeiro, que possamos utilizar o corpo para anunciar desejos, afetos e, atrevido-nos a uma aparência a enfermagem, cuidado. Cabe destacar que a sugestão do segundo é para a realização de novos estudos do tema.

A3¹¹, um relato de experiências, anuncia a dança como possibilidade terapêutica. Traz o “se movimentar” utilizado por homens e mulheres desde o nascimento como “*Espaços-Tempo de Probabilidades e Possibilidades*” de comunicação de suas necessidades, emoções e sentimentos, além de proporcionar o aprendizado sobre o meio social em que vive e sobre si mesmo. Afirma que a dança pode ser terapêutica,

uma linguagem da corporeidade que pode preencher múltiplas dimensões e proporcionar a abertura para o conhecimento de si e da condição maior: o fato de buscar se tornar mais humano.

A partir da descrição de oficinas de dança realizadas num CAPS II, que não visava ao trabalho com a técnica da dança, mas o “dançar” como atividade prazerosa de socialização e expressão, identifica-se espaços que intuem novas descobertas e caminhos, uma vez que consistem em um processo em construção de todos os atores envolvidos.

Ao concluir que através das experimentações dadas nas oficinas, há efeitos observados no processo de socialização, elevação da autoestima e adesão ao tratamento dos usuários, explora aquilo já mencionado nos artigos anteriores, o potencial do corpo e do seu movimento.

O A4¹² discutiu o lugar do corpo na sociedade, o simbolismo adquirido ao longo da história e sua relação com as práticas contemporâneas em saúde mental. Teve como objetivo compreender como as práticas corporais podem ser utilizadas enquanto recursos terapêuticos no cotidiano dos profissionais de saúde mental, entendendo-se o corpo como a expressão da linguagem do sujeito, ou seja, como a possibilidade de exteriorização dos conflitos, vivências e sentimentos e também como narrativa de si.

Considerou as práticas corporais como recursos terapêuticos enriquecedores do processo de cuidado em saúde mental, uma vez que propiciam um olhar para o sujeito em sua integralidade, e possibilitam aos profissionais da saúde um entendimento sobre o corpo como um local de linguagem e expressão, fundamental para a construção de um projeto de cuidado em saúde mental, humanizado e holístico.

O A5¹³, dentre outros objetivos, investigou o tratamento do corpo e o movimento dentro da rotina escolar. Partiu da concepção de que os corpos e os comportamentos são socialmente aprendidos e (re)construídos em cada cultura, apresenta o corpo como algo produzido na e pela cultura, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico.

Ao concluir que diferentes formas de intervenção podem estimular ou não a segregação de meninos e meninas no espaço da escola, sustenta nossa ideia, fazendo uma analogia ao cuidado em saúde mental, de que nossos *movimentos-corporais-intervenção*, também podem ou não estimular a segregação dos usuários internados no serviço.

O artigo insere a cultura, que nos é tão cara na saúde mental. Faz-nos evocar o estigma da loucura, e o impacto desse em nossas intervenções.

A6¹⁴ apresenta Reich (1989) como o responsável por trazer o corpo para a compreensão do processo psíquico, por meio de suas pesquisas relativas ao ponto de vista econômico. Anuncia que o trabalho corporal por muito tempo esteve relegado a uma população nem sempre reconhecida nos campos intelectual e social, e, que felizmente, essa situação vem mudando e o trabalho corporal vem ganhando reconhecimento e respeito.

Diz que se o trabalho sobre o psiquismo é sempre muito delicado, se faz ainda mais delicado quando envolve o corpo, pois as formas de subjetivação de nosso momento social favorecem adoecimentos psíquicos. Refere que profissionais de saúde mental, especialmente psicólogos e psicanalistas, quando envolvidos no fenômeno transferencial, são chamados a interagir com todo o seu corpo, e não apenas com seus conhecimentos teóricos e técnicos referentes a uma abordagem intelectualizada.

Por esses motivos, diz ainda que no preparo do profissional *psi* se fazem necessárias não apenas a aprendizagem teórica e sua análise pessoal, como defendido até então, mas também a sensibilização de seu corpo e de suas percepções.

Embora o artigo ressalte o profissional *psi* na formação do psicólogo e psicanalista, torna-se de fácil replicação à enfermagem de saúde mental, pois também somos convocados a interagir com o corpo inteiro. Costumamos dizer que nosso corpo é a nossa bandeja contendo, recurso comumente utilizado em outras áreas da enfermagem, com um arsenal de procedimentos técnicos a serem realizados.

O último, A7¹⁵, traz um constructo histórico do corpo partindo do pressuposto de que os valores, percepções e ações dos homens estão sempre permeados e relacionados à forma como as sociedades se organizam em cada momento histórico. Refere que pela sociedade grega o corpo é como um referencial de integridade, sem dualismos, uma totalidade. Na ascensão do Império Romano o corpo ganha o significado de excelência e os atributos espirituais ficam relegados a um segundo plano, um reducionismo da natureza humana à sua corporeidade/materialidade, uma fragmentação.

Na Idade Média o cristianismo marcou a cisão entre corpo e mente, potencializada na modernidade. O corpo passa a ser considerado um empecilho ao homem na conquista da contemplação divina, a morada do “diabo”. Contudo, com o advento do Renascimento a Igreja Católica perdeu força, e o corpo deixou de ser negado e silenciado pela religião, e foi submetido a um adestramento dos seus movimentos em prol da necessidade de manutenção da produção industrial, regido pelas leis da ciência. O caráter utilitarista do corpo, que marcou o período romano, retornou então na modernidade com um diferencial perverso: os atributos intelectuais/espirituais não eram mais apenas ignorados, eram usados pelos detentores do poder hegemônico/

econômico, para dominar o restante da população.

Assim sendo, o corpo ganhou uma concepção positivista e reificada: passou a ser visto como propriedade privada passível de controle, submisso agora ao Capital. O artigo ressalta a importante consequência histórica de anulação e fragmentação da natureza humana em prol do Capital, uma inversão de valores da Grécia à modernidade: de uma totalidade corpo-natureza cuidada e valorizada a um abismo entre corpo e mente.

Partindo desse corpo histórico, que foi visto integralmente, e hoje estaria nesse abismo é que nos situamos, num corpo como propriedade passível de controle, especificamente no cenário proposto a pesquisa, à mercê das histórias da psiquiatria e enfermagem psiquiátrica e do estigma da loucura. Corpos e movimentos valorizados nas reflexões teóricas da saúde mental do século XXI, contudo interceptados por controle como à época do império romano.

A revisão nos impulsiona a compreensão do movimento corporal como um axioma, algo tão evidente que não precisa ser mencionado, contudo, atravessado por aspectos culturais pode assumir uma tensão que anule sua percepção.

Respondendo a questão da busca, o corpo e movimento são compreendidos como algo inerente ao sujeito, como a expressão da linguagem, todavia, podem ser interpelados por fatores externos e tornarem-se invisíveis. A pesquisa cuidará de observar esses fatores externos, trataremos de pensar caminhos de notoriedade e não invisibilidade, de apropriação de corpo e movimento como instrumentos terapêuticos.

Assim, retomando a resistência do hospital psiquiátrico frente ao avanço da Rede de Atenção Psicossocial, a importância do corpo e movimento evidenciado na busca virtual, assim como o direcionamento para novas pesquisas na temática, e ao déficit de estudos sobre esse movimento na instituição psiquiátrica compõe a realização dessa pesquisa.

Considerações finais

Consideramos a disponibilidade para se relacionar com a vida e o conhecimento como fundamentais para o processo de criação de novas experimentações, pois a dureza da vida acadêmica e laborativa muitas vezes podem embotar a sensibilidade, imaginação e criatividade.

Pudemos nesse ensaio afirmar o corpo como território de comunicação. Incitar a possibilidade de pertencimento do corpo como instrumento terapêutico essencial no campo da saúde mental.

Mas ao movimentarmos-nos comunicamos disponibilidade ou indisponibilidade ao cuidado? Nossa dança/movimento corporal pode determinar na obtenção

ou não de êxito numa proposição terapêutica? O que podemos comunicar/movimentar dado que o encontro se dá numa instituição psiquiátrica?

Como os dados ainda não foram produzidos, concluímos com mais questões do que dados, na expectativa que após tal produção, tenhamos mais provocações a compartilhar.

Referências

1. Venturini E, Goulart MSB. Recovery: Ambiguidades e Confrontações. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, 2017;9(21):282-299.
2. Peplau HE. *Relaciones interpersonales en enfermería: um marco de referência conceptual para la enfermería psicodinámica*. Barcelona: Masson-Salvat; 1990.
3. Talento B. In: *Teorias de Enfermagem: os fundamentos a prática profissional*. George, JB. 4a ed., Porto Alegre: Artmed; 2000.
4. Gauthier J. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. 1ª edição, Curitiba: Editora CRV, 2012.
5. Goffman E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
6. Ostrower F. *Criatividade e processos de criação*. 28ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
7. Tavares CMM. Como desenvolver experimentações estéticas para produção de dados na pesquisa sociopoética e abordagens afins? *Revista Pró-UniverSUS*. 2016 Jul./Dez.; 07 (3): 26-31.
8. Feyerabend P. *Contra o método*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
9. Silveira, LC, Braga VAB, Petit SH. A produção de subjetividade dos usuários de um hospital-dia: uma experiência sociopoética. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 2007; 6(1).
10. Hamblet C. Obstacles to defining the role of the mental health nurse. *Art&Science Literature Search. Nursing Standard*. 2000;14 (51):34-37.
11. Tavares CMM. Prática criativa da enfermagem psiquiátrica: fatores intervenientes no seu desenvolvimento. *Esc. Anna Nery R. Enferm.*, Rio de Janeiro, 2002 abr.; 6(1): 107-117.
12. Azevedo DM, Miranda FAN. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. *Esc. Anna Nery R. Enferm.*, Rio de Janeiro. 2011 abril/jun.; 15(2):339-345.
13. Corrêa MCMR. Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel: o lugar da materialidade no campo da Terapia Ocupacional. *Interface (Botucatu)*. 2014 abr./jun.; 18(49).